

**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

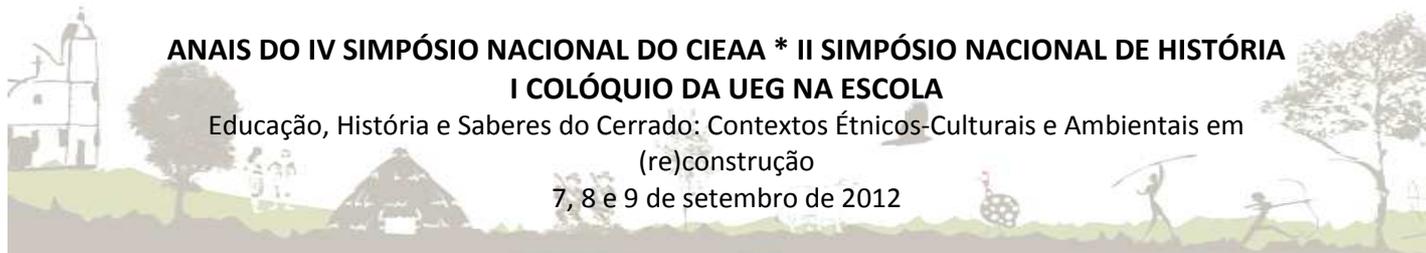
MARTIM CERERÊ E O NACIONALISMO BRASILEIRO

**Diogo Wayner Silva Fernandes(UEG)
Tobias Dias Goulão(UEG)**

Os estudos históricos feitos com as fontes literárias mostram o quanto podemos perceber em uma obra da literatura elementos que auxiliam a compreensão do pensamento de um período e seus principais aspectos. Sandra Jatahy Pesavento coloca que “o discurso literário consagradamente tido como o campo preferencial de realização do imaginário, comporta, também, a preocupação da verossimilhança” (PESAVENTO, 1995). Com essa carga vemos que a questão do reflexo do mundo real dentro da obra literária é o campo pelo qual o historiador irá realizar seu trabalho. Na obra de ficção encontramos meios de realizar o trabalho histórico fazendo uso do que a autora relata, pois segundo coloca Roberto Catelli Júnior “o autor carrega consigo os valores e impressões sobre o tempo em que viveu” (CATELLI, p.35). Os relatos produzidos terão esses aspectos e assim mostra uma fonte de conhecimento sobre a ação do homem nesse período específico da história, no caso estudado o período da chamada República Velha e a busca pela identidade nacional e construção de um nacionalismo para os brasileiros.

Assim, veremos dentro da estrutura montada por Cassiano Ricardo aspectos do nacionalismo brasileiro que é algo buscado com afinco pelos intelectuais do país desde sua independência, e se tratando da obra *Martim Cererê*, o ideal buscado pela República. *Martim Cererê* é uma epopeia moderna. Possui a intenção de criar uma cosmogonia para a nova nação brasileira, carente de mitos para seu povo.

Para termos uma maior compreensão da obra *Martim Cererê*, devemos começar pela apresentação de seu autor. Cassiano Ricardo é natural de São José dos Campos São Paulo e nasceu aos 26 de julho de 1895. Desde jovem já era voltado às letras e começa com criações



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

caseiras na infância a criar. Sua primeira publicação é um livro de poemas do tempo que estava na Universidade, em 1915. Foi também redator de *O Dia*, e cronista parlamentar. Trabalhou em outros jornais e revistas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foi membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Foi funcionário público no Rio de Janeiro, onde foi nomeado diretor efetivo da Secretaria do Palácio do Governo. Foi preso durante a Revolução constitucionalista. Dirigiu um jornal, *A Manhã*, no qual chamou para fazer parte pessoas como José Lins do Rego, Vinícius de Moraes e Gilberto Freyre.

Sua posição política é nacionalista e paulistana, o que é facilmente perceptível em seu livro. Diz ele em uma nota colocada na 12ª edição do *Martim Cererê* que “quis fazer apenas um poema ‘brasileiro’ e foi o que fiz” (p.162). Mas o caráter brasileiro de seu poema é no entanto muito paulista, e obviamente de um extremo nacionalismo.

E partindo desse ponto vamos expor as características dessa obra.

O livro é composto por 77 poesias, agrupadas em seis partes, unidas que narram os eventos que envolvem a formação e desenvolvimento da nação e do povo brasileiro.

O início do livro relata a formação do Brasil e o tema que completa a obra é a colonização do país, dando destaque à aventura épica dos bandeirantes, nas suas marchas para o oeste.

A história se inicia quando o índio Aimerê se apaixona por Uiara, a “mulher mais bonita do mundo”, mas ela não aceita o matrimônio com o seu pretendente, devido a vergonha que possui do dia:

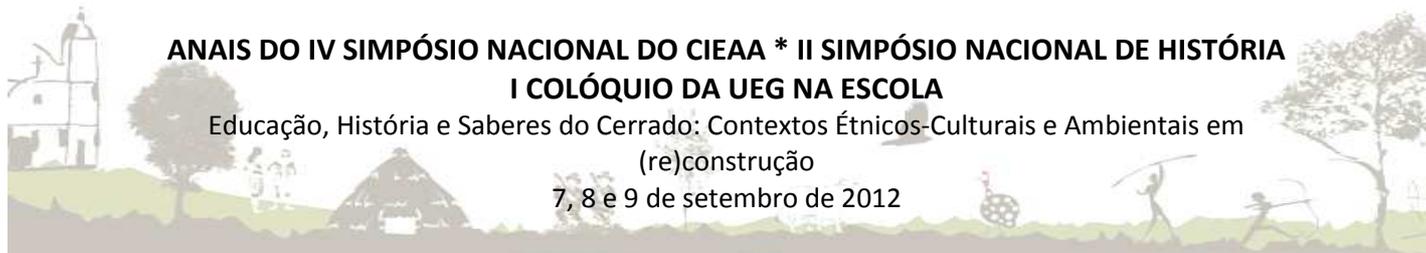
“A manhã é muito clara...

Não há Noite na terra...

O sol espia a gente

Pelos vãos do arvoredos...

Sem Noite, francamente,



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

não quero me casar (p.12)

Então Uiara exige de Aimberê a noite para se casar, mas este não consegue por imprudência “então a Cobra Grande lhe fala: ‘Eu tenho a Noite’” (p.19). Ele a ganha da Cobra Grande, que o adverte para não abrir o fruto de tucumã antes de chegar a seu destino final, mas Aimberê o faz e liberta a noite, a Onça Preta, e ela devora o dia

Salta de dentro a Onça Preta!

Cadê o Sol?

A Onça Preta comeu.

Cadê a Arara?

A Onça Preta comeu.

Cadê a Noite?

Ah! a Noite sou eu. (p.22)

Esta parte é uma alusão à lenda indígena da Criação da Noite que Cassiano adapta em seu poema. Logo após aparece o marinheiro português que navega pelos mares, este também se apaixona pela “mulher mais bonita do mundo” e também recebe o mesmo desafio para se casar com ela, deve trazer a noite.

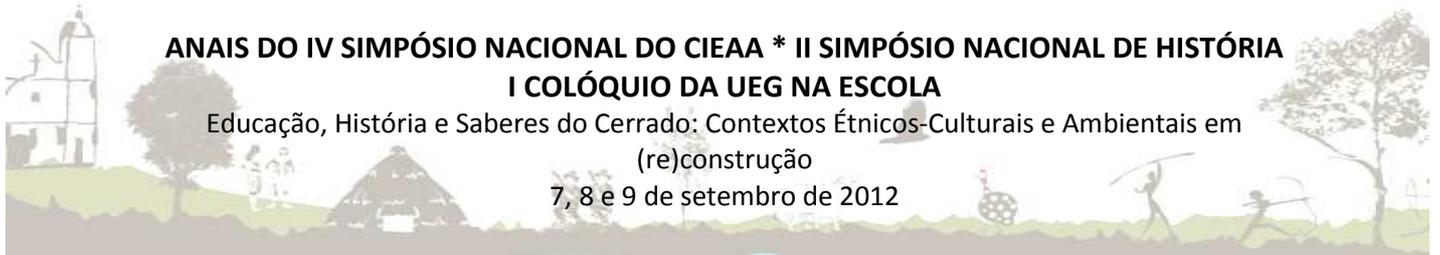
E agora, ó Uiara, eu sou um rouxinol.

Épico só no mar, lírico na terra,

quero gorjear à beira do regato

e o teu corpo pagão, quente de sol.

E agarrar-me a teus seios matutinos,



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

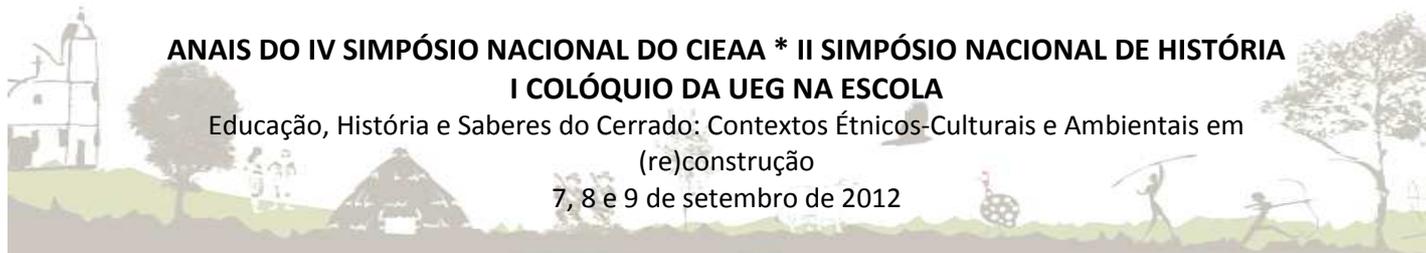
*nauta que amou centenas e centenas
de ondas em fúria e veio a naufragar,
depois de tudo em duas ondas morenas... (p.30)*

Então ele entre em seu navio e destemido enfrenta o mar, vai até à África e traz a noite, que Cassiano coloca como sendo os negros.

*Quem quiser me desposar
tem que trazer a Noite
que mora no mar;
tem que subir a grande Serra
que é a Serra do Mar; (p.37)*

Encontram-se as três raças que darão origem ao “gigante de botas”, o bandeirante que desbravará o sertão do Brasil.

*E o Navio Aventureiro
que trouxe o desbravador [...]
trouxe a Noite também [...]
No instante em que o marinheiro
Saltou e, logo depois,
Fez descer de dois em dois
Uns homens tintos retintos
Que haviam trazido a Noite. (p.41)*



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

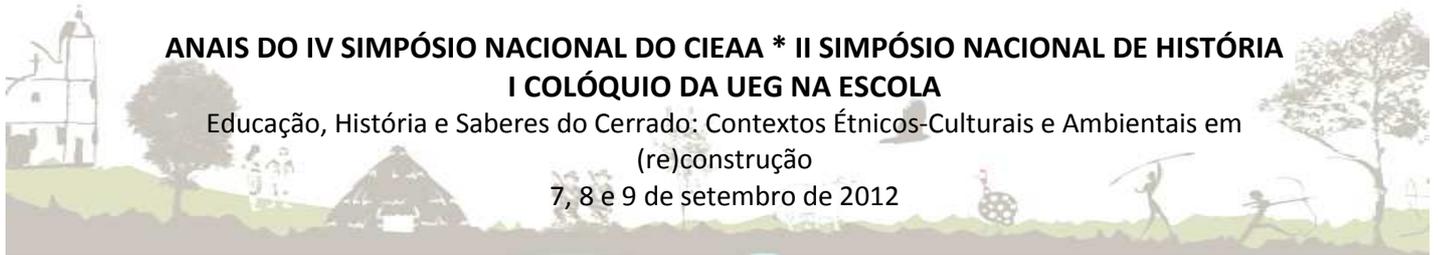
O grande problema visto pela intelectualidade brasileira, desde o início foi o seguinte, havia o território, não tem ainda o que se pode chamar de nação (SKIDMORE apud VELLOSO, 1993). Assim o principal tema das discussões no Brasil foi a questão da formação dessa nação e a criação de uma identidade nacional. Mas essa nova identidade que era focada pelos intelectuais do início do século era diferente dos intelectuais do período da independência.

A proposta de nação que o recém-fundado IHGB propôs foi a de uma nação branca europeia, católica, monarquista. O que foi fabricada pelas construções historiográficas a partir de Varnhagen. Antes deste houve Martius que mostrou uma história na qual os negros e os índios faziam parte ativa. Mas o país e sua elite ainda não reconheciam a participação deles na construção da nação e seu Ideal.

Nesse segundo momento, agora com a República, há a mudança de conceitos e de observações sobre o país. Não cabia mais uma história europeia, muito menos uma história que eliminasse uma grande parcela da população. Assim, os conceitos de história monarquistas foram sendo substituídos por uma história que levasse em conta a miscigenação do Brasil.

Não que esse processo tenha sido amigável e de aceitação das raças como iguais, mas eles já encontraram um modo de colocá-las dentro do processo histórico. O próprio Cassiano já faz isso com suas colocações no Martim Cererê: “cada qual mais resmungão...” (RICARDO, p. 41). O negro era o “carvão destinado à oficina das raças” (RICARDO, p. 43). O índio é idealizado como o senhor das matas, forte herói, mas mesmo assim um curioso que não conseguiu segurar o fruto de tucumã até o tempo determinado, perdendo Uiara para o português desbravador.

Mas continuando a sua escrita, a obra de Cassiano mostra outro fator da história pós-monarquia: a história regional. Paulista e muito bairrista, ele utiliza da figura do bandeirante, o seu “Gigante de botas” para criar o seu grande herói.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

*Mas o marujo português havia casado com a Uiara
e pronto! Nasceram os Gigantes de Botas.[...]*

Gigante tostado no sol da manhã;

Gigante marcado com o fogo do Dia;

Gigante mais preto que a Noite.

Assim ele explica a origem dos mamelucos que serão os desbravadores do sertão brasileiro, aqueles que vencerão a natureza, que não mais é temida como mostravam os historiadores anteriores como o Varnhagen. Assim coube ao mameluco paulista enfrentar o sertão:

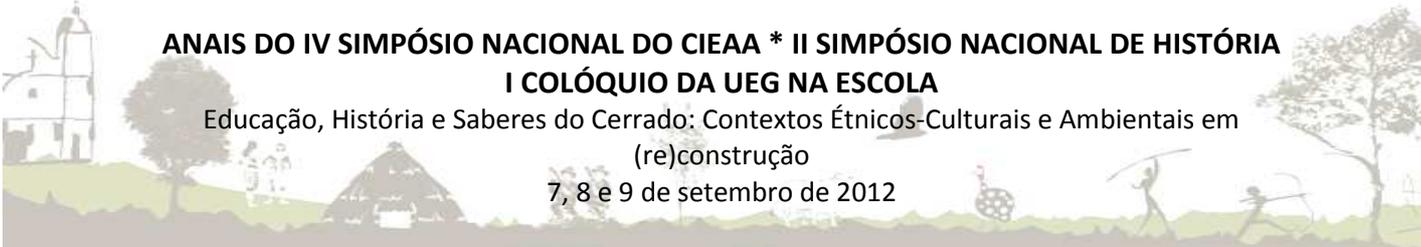
*bateram à porta do Sertão antropófago num tropel
formidável: “Nós queremos entrar!” (p.57)*

O “gigante de botas” é alguém que sai pelo sertão e a tudo toma. Atacarão os animais e os comercializarão, vão procurar ouro, e inevitavelmente sofrem com a fome.

Vão ficar verdes por dentro...

Vão morrer azuis de fome... (p. 62)

As várias mitologias e costumes que são vistas no livro remetem tanto à cultura indígena quanto ao cristianismo. O ar de magia e encanto que se vê colabora para isso. Cassiano tenta com a sua obra dar um ar místico à criação e crescimento do Brasil. A própria lenda da origem da noite é uma readaptada para o livro, entre outros aspectos que podemos observar essa miscelânea de fatores é no capítulo “Reis Magos”.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

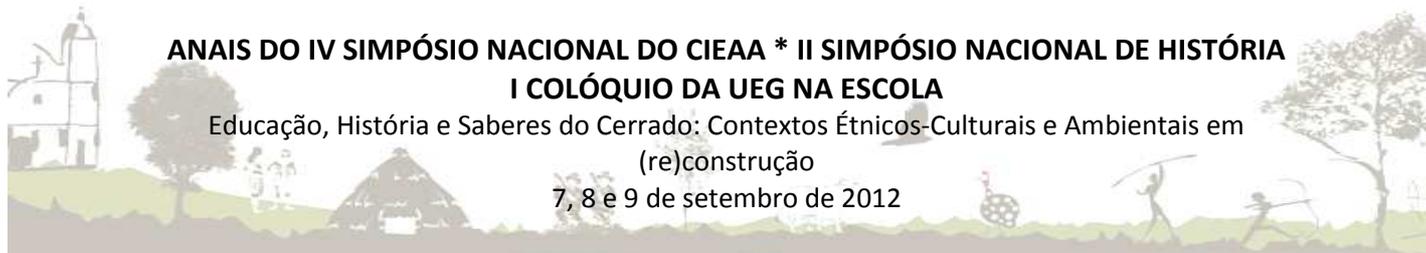
7, 8 e 9 de setembro de 2012

*E pra ouvir sua história
vieram três reis encantados:
um vermelho que lhe trouxe
a manhã como presente;
outro branco, o que lhe havia
feito presente o dia;
outro preto, finalmente,
rosto cortado pelo açoite.
O que lhe trouxera a Noite...*

A observação que podemos fazer desse poema é que com o nascimento do Brasil, agora tentando se despontar como uma nação moderna e atual, era necessário mostrar quem contemplou esse nascimento. Tal qual foram os sábios do oriente que no relato bíblico visitaram a Cristo quando nascera e viera ao mundo para ser o seu Rei e trazer a justiça.

Dente outros aspectos fala de toda a empreitada das bandeiras. Sua composição e problemas, também relata o relacionamento dos “gigante de botas” com o rei;:

*Com que direito esse rei
lá de longe, além-atlântico,
lhes queria, por decreto,
amarrar as botas mágicas?
Pois quem levava nas botas
o ímpeto das madrugadas,
ora seu rei, seu El-Rey,*



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

lá iria pensar em lei?

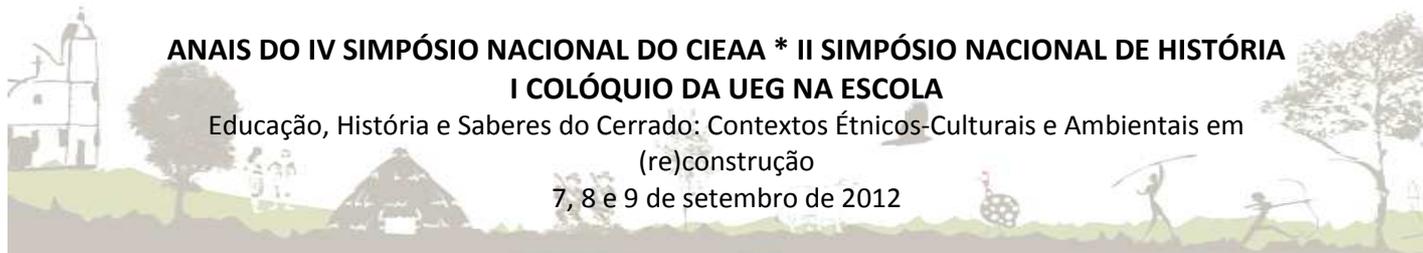
Os bandeirantes são lembrados e dados números, devido à sua ordem de entrada no sertão. O Anhanguera é o seu Gigante de nº 6, e que doma o sertão goiano. Ele é “um deus automático que tudo faz e desfaz” (p.115). E ao terminar o relato sobre a odisseia bandeirante faz no poema “Metamorfosse” (p.127) o resumo dos seus resultados, e fecha colocando que foi essa empreitada que deu ao Brasil a “forma de harpa”.

A parte final do livro já trata da modernização o Brasil. A chegada dos elementos novos na sociedade brasílica e as modificações das cidades com esses elementos é também retratada. Vê que seu relato está chegando ao seu tempo, e ele colocará a indústria cafeeira como motor econômico do país, vai relatar a chegada e a participação dos imigrantes na formação mais recente do país.

No fim do livro ele fará uma exortação ao estado de São Paulo, o que mostra como foi de lá que temos o Brasil como é hoje.

*E o Tietê conta a história dos velhos gigantes,
que andaram medindo as fronteiras da pátria,
ao tempo que São Paulo colocava sapatões atrás da porta
e os sapatões amanheciam cheios de ouro...
e os sapatões amanheciam cheios de esmeraldas...
e os sapatões amanheciam cheios de diamantes...*

Portanto, dentro do que Cassiano Ricardo escreve em Martim Cererê vemos que ele trabalha um nacionalismo, uma criação de identidade para o país que segue o caminho dos institutos históricos e geográficos regionais. Uma história que parte de São Paulo para o



Brasil, na qual os brasileiros além Serra do Mar lá estão devido ao ímpeto dos Gigantes de Botas, do herói mameluco, do destemido bandeirante.

Referências

CATELLI JUNIOR, Roberto. *Temas e Linguagens da História: ferramentas para sala de aula no ensino médio*. São Paulo: Scipione, 2009.

ODÁLIA, Nilo. “Varnhagen – história”. In: *Coleção Grandes Cientistas Sociais (09)*. SP: Ática, 1979. Seleção de textos Varnhagen, p. 35-117.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (Séculos XIX e XX)*. In: *Anos 90*, Porto Alegre, n° 4. Dezembro de 1995. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6158/3652> > Acesso: 08/2011.

RICARDO, Cassiano. *Martin Cererê (o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis)*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1978.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Os Institutos Históricos e Geográficos “Guardiões da História Oficial”. In: *O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e a Questão Racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 99-139.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6 n. 11, 1993, p. 89-112. Online in: